



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

COMUNIDADE QUILOMBOLA COMO TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E DE FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE: O PAPEL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

*QUILOMBOLA COMMUNITY AS A TERRITORY OF MEMORY AND IDENTITY
STRENGTHENING: THE ROLE OF QUILOMBOLA SCHOOL EDUCATION*

RESUMO. Este texto busca refletir sobre a importância da Educação Escolar Quilombola (EEQ) para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola. As categorias estudadas foram: Comunidade quilombola, reconhecendo-a como um território de memória e de identidade e Educação escolar quilombola. A pesquisa foi realizada na Escola Padre Anchieta, localizada na comunidade Quilombola de Guaraciaba, no município de Altinho-PE. Fez uso da entrevista semiestruturada e da Análise de Conteúdos (BARDIN, 2011) para o tratamento das informações. Concluímos, a partir das análises, que há na escola práticas educativas que buscam valorizar a memória e fortalecer a identidade quilombola. O desenvolvimento dessas práticas ocorre porque: 1) Há a liderança de um dos professores que se identifica como quilombola, residiu na comunidade e estuda sobre Educação Quilombola. 2) O professor busca envolver a gestão escolar, professores da escola e a comunidade nas ações e projetos educativos desenvolvidos pelo mesmo. 3) Há a compreensão da importância da

escola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola, conforme estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola; Política pública educacional; Formação docente.

ABSTRACT. This text seeks to reflect on the importance of Quilombola School Education (QSE) for the enhancement of memory and the strengthening of Quilombola identity. The categories studied were: Quilombola community, recognizing it as a territory of memory and identity and Quilombola school education. The research was carried out at the Padre Anchieta School, located in the Quilombola community of Guaraciaba, in Altinho - PE. Semi-structured interviews and Content Analysis (BARDIN, 2011) were used to process information. It was concluded, based on the analysis, that there are educational practices in the school that seek to value memory and strengthen the quilombola identity. The development of these practices occurs because: 1) There



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

is the leadership of one of the teachers who identifies himself as a quilombola, resides in the community and studies Quilombola Education; 2) This teacher seeks to involve the school management, the other school teachers and the community in the educational actions and projects developed by him. 3) There is an understanding about the

importance of the school for valuing memory and strengthening the quilombola identity, as established by the National Curriculum Guidelines for Quilombola School Education.

Keywords: Quilombola School Education. Educational public policy. Teacher training.

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas são territórios que carregam trajetórias de lutas, tradições, identidades, ancestralidade, cultura e memória. A terra para os quilombolas é vida, é o espaço onde os ancestrais viveram, construíram suas famílias, cujas histórias não podem ser esquecidas e devem ser passadas para as gerações futuras, fortalecendo a memória, as tradições, os saberes e a cultura formando a identidade quilombola.

A educação, como direito de todos, deve trabalhar as diferenças, o reconhecimento da diversidade de identidades e as especificidades das comunidades e populações tradicionais. Mediante este dever, a Educação Escolar Quilombola (EEQ) tem por objetivo implementar nos sistemas de ensino práticas e conteúdos que trabalhem a realidade do povo quilombola, suas lutas e resistências pelo direito à terra, à cultura e aos saberes construídos (BRASIL, 2012). Nesta perspectiva, se favorece aprendizagens outras e se rompe com a invisibilidade e a ausência dos saberes da população quilombola nos processos educativos escolares;



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

de forma a se compreender como o conhecimento sobre a história de um povo e a sua cultura influencia no processo de afirmação da identidade, pois “os próprios sujeitos definem sua identidade a partir da organização social e pelos critérios construídos no seu modo de vida, concernentes às características de uso dos recursos e dos laços comuns aos seus integrantes que, tradicionalmente, estabeleceram” (CARRIL, 2017, p.546).

Considerando essas reflexões, este texto tem como objeto de estudo a Educação Escolar Quilombola, tendo como foco a sua importância para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola. Neste sentido, guia-se pela questão: Quais as contribuições da Educação Escolar Quilombola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola?

COMUNIDADES QUILOMBOLA: TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E DE IDENTIDADE

A autoidentificação de uma identidade está ligada ao “reconhecimento positivo de sua identidade e a reafirmação de suas práticas culturais.” (MAROUN, 2014). Nessa perspectiva, o registro e o reconhecimento da história da comunidade, do povo e da cultura possibilitam ao sujeito se enxergar como ser do processo histórico, ajudando a lembrar a história; pois, conforme Gonçalves e Gonçalves (2017, p.214), “a história é parte da cultura, do desenvolvimento e da educação do homem e da sua civilização”. A memória e a identidade do povo



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

quilombola são categorias fundamentais para a valorização de sua história e de sua cultura, é um meio de rememorar o passado e refletir sobre a vida dos antepassados e as marcas de suas lutas e resistências, silenciadas na história.

Neste sentido, torna-se importante dar voz a população quilombola para que possa contar suas histórias de vida, pois “a memória é mais que a vivência armazenada de um indivíduo, ela forma parte de um contexto social. O que guardamos e o que excluimos depende de nossas experiências sociais e coletivas” (SILVA, 2012, p.9). Entretanto, para que a memória não se perca é necessário que registros sejam preservados: fotos, documentos, textos escritos, poemas, histórias de vidas e das comunidades. Ou por meio do registro oral, contação de histórias que passadas de pessoa para pessoa guarda a cultura, os costumes, os hábitos e as crenças da comunidade por meio do resgate e registro histórico. Para Pollak (1992, p.02), “a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

Assim, compreendemos, a partir de Pollak (1992), que a memória coletiva e social se dá no seio da comunidade, passada de pessoa para pessoa, sobre um determinado momento que foi vivenciado e vai se tornando uma história daquele lugar, reelaborada, reconstruída pelo registro dos que na comunidade permanece, na alimentação das memórias presentes. São, assim, guardadas para que não sejam esquecidas, mas transmitidas, transformadas nas vidas que coletivamente vivem a história contada por pessoas da comunidade. Essas memórias trazem relações de aproximações culturais, sociais e afetivas; mas também dores sentidas pela



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

marginalização sofrida, fazendo com que, muitas vezes, pessoas das comunidades quilombolas não as queiram contar ou mesmo ouvir.

A recriação de histórias narradas e recuperadas na bibliografia e em campo remete não só às relações identitárias com o território, às relações sociais, remete principalmente a uma dor profunda de perceber-se marginalizado pela história construída pelos dominadores (SILVA, 2012, p.3).

Para Claval (1999), a importância do cultivo das memórias está no estabelecimento da ligação com a ancestralidade e com os saberes construídos em tempos passados, alimentando a cultura.

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram (CLAVAL, 1999, p. 63).

Neste contexto, compreende-se que a cultura de um povo é muito significativa para o desenvolvimento da comunidade que, por meio do diálogo, da participação das pessoas, na construção contínua de novos saberes e na história do povo, traz registros do que os torna ser quem são, considerando os contextos sócio-político-culturais no qual se inserem com marcas do passado, e nesse processo vão se constituindo enquanto quilombolas pertencentes a uma comunidade quilombola.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

[...] através da reconstrução de fatos registrados na memória se reconstrói uma visão do passado a partir do presente [...]. Por isso, a memória pode ser utilizada para pensar uma questão tão atual quanto a das populações quilombolas. Segundo Pierre Nora, memória é o vivido e a história é o elaborado. Então a memória permite atualizar a história a todo instante (SILVA, 2012, p.9).

Neste processo, se constrói a identidade de um povo. É um processo construído por meio de descobertas, afirmações, negações, numa constante batalha. É uma construção da sobrevivência e das relações que um povo estabelece no contexto em que se situa, produzindo saberes e relações *no* e *do* lugar a partir das experiências que aquele contexto social possibilita, no fortalecimento de ser quem é, no território em que vive.

Nessa reflexão, compreendemos que é por meio da cultura, alimentada na memória individual e coletiva, que as práticas educativas dentro das comunidades se desenvolvem. Nessa construção, para (re)conhecer a nossa origem, é necessário ir além, necessita ir em busca do passado e entendê-lo no presente, tê-lo como novo saber para o desenvolvimento de novas práticas na intenção de: 1. mudar de lugar, do ser oprimido por um processo histórico social e político de marginalização e esquecimento para o ser de direitos; e 2. mudar o lugar, tornar o território quilombola, um território de vida e de saberes, como iremos refletir e procurar compreender nos tópicos seguintes.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Quilombo, Quilombola: história e concepção

Os quilombos antes eram chamados de “Mocambos”, pois muitas pessoas chegaram ao Brasil através do tráfico negreiro, escravizados na África; com eles vieram muitos conhecimentos sobre plantas, mineração, construção dentre outros que foram significativos para o desenvolvimento do Brasil. Oliveira (2014) explica que os quilombos se formaram através da resistência territorial, social e cultural. Para esse autor:

Falar de quilombos não é aceitar ou somente expor termos e significados simplistas que, por muitas vezes, permeiam a academia. Não é tecer considerações descompromissadas com a realidade desse grupo social. Falar de quilombos é evidenciar, dentre outros sentidos, a trajetória de vida de determinados grupos sociais no Brasil que, por conta de contextos históricos e econômicos, foram forçados a resistir contra a obstinação política e econômica das classes dominantes especialmente ao longo dos séculos XVII a XIX (OLIVEIRA, 2014, p.4).

O termo Quilombo passou a ser usado, principalmente, quando surgiu o maior Quilombo existente no Brasil, o Quilombo dos Palmares (SILVA; SILVA, 2014). Este se formou na Serra da Barriga, na zona mata de Alagoas. Hoje representa um dos maiores símbolos de resistência, tendo como grande destaque Dandara, que era uma guerreira, e Zumbi dos Palmares, o líder do Quilombo.

Arruti (2008) aponta que o termo Quilombo vem sendo ressemantizado, ou seja, não se refere aos resíduos de ocupação de grupos isolados, mas envolve a vizinhança, os parentes e outros, compreendendo a partir do documento do extinto



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) que os quilombos sejam “grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”, cuja identidade se define por “uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados” (ABA, 1994, *apud* ARRUTI, 2008, p.2). Arruti ainda reflete a identidade em sua relação com o que os une e os torna comum: parentesco, a terra, a luta, a partilha e outros elementos que constituem uma identidade, caracterizando o Quilombo, a resistência, a busca por autonomia, cidadania e existência.

Os que vivem em quilombos são chamados de Quilombolas, representando e marcando a história, a cultura brasileira e a ancestralidade dos povos; tornando as comunidades quilombolas territórios importantes, conquistados com muita resistência. Arroyo (2014) esclarece que a afirmação dos movimentos sociais, em sua diversidade, os fortalece no reconhecimento de suas identidades e de suas histórias de exclusão. Assim, situamos que o povo quilombola, no reconhecimento de quem são em suas diferenças, se fortalecem na luta pelo direito à existência, à terra e à liberdade.

Os coletivos em movimentos sociais afirmam sua diversidade, tornam presentes suas diferenças. Não apenas se sabem tratados em nossa história como desiguais, inferiorizados porque diferentes, mas se afirmam e reconhecem diferentes. Fazem-se presentes com presenças incômodas, nas ocupações, nas ruas, nas escolas, desocultam-se e se mostram existentes, visíveis (ARROYO, 2014, p.133).



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

É neste sentido que se considera a ancestralidade um aspecto forte para a cultura quilombola, na perspectiva da continuidade das tradições na memória de cada sujeito, para que se tenha consciência da trajetória que os antepassados viveram na luta para se constituírem como cidadãos. Para Carril (2014, p.548), a terra quilombola está relacionada à ancestralidade, quando diz que:

O uso comum da terra quilombola, engendrado na ancestralidade, e a base física e imaginária desses grupos tem um papel fundamental nessa perspectiva teórica. Seu valor funda-se na satisfação de suas necessidades mútuas, que incluem o simbólico, as tradições e as sobrevivências culturais (CARRIL, 2017, p. 548).

Henriques Filho (2011) nos aponta aspectos importantes em relação aos quilombolas, principalmente no que se refere à contribuição que as pessoas escravizadas deram a nossa sociedade e à construção do país. Entretanto, a história das pessoas escravizadas, os quilombos, as comunidades quilombolas são ainda desconhecida pela maioria da sociedade brasileira, mesmo compondo uma parte fundamental da nossa cultura. Neste contexto de negação histórica, há uma resistência do movimento quilombola que procura “ao longo dos séculos, marcar suas trajetórias de vidas, como uma maneira de preservar os conhecimentos outros que, historicamente, estiveram silenciados.” (SANTOS; ROCHA; ALENCAR, 2018, p.42).



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Território, Memória e Identidade

Os territórios são a base dos quilombolas para a sustentabilidade de seu povo. Eles estabelecem uma relação com o trabalho, à terra, à cultura, à memória e à ancestralidade, têm muita importância e são condições para a continuidade dos valores e da existência de todos, fortalecendo os aspectos históricos, sociais e culturais.

De acordo com o documento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), atualizado em 2017,

[...] um território se constitui a partir de uma porção específica de terra acrescida da configuração sociológica, geográfica e histórica que os membros da comunidade construíram ao longo do tempo, em sua vivência sobre a mesma. Assim sendo, um território seria um ente que sobrepõe a terra e a carga simbólica agregada a mesma, a partir de seu uso pleno e continuado pela ação de um determinado grupo humano (INCRA, 2017,p. 7).

O Incra aponta o território na relação com a terra e a vida social que acontece nela, incluindo as tradições que são passadas de geração para geração. No território, os quilombolas são os seres pertencentes de um coletivo que se estrutura por um processo de identidade e de modo de vida. Fernandes (2009, p. 276) relaciona o território como espaço para a materialização da existência humana, compreendendo que as “relações sociais produzem os espaços e os espaços produzem as relações sociais”, num movimento que alicerça dois tipos de territórios: os materiais que é a relação de poder formada no espaço físico; e os



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

imateriais que são formados no espaço social, através dos pensamentos, ideologias e outros fatores.

Compreendemos, neste sentido, que o território está ligado ao que se é vivido, materializado e produzido no espaço como, por exemplo, o respeito pela coletividade, os momentos que expressam alegrias, tristezas, resistências e vários outros aspectos que estão ligados diretamente a parte emocional, as lutas que defendem e a memória.

Assim, a memória é um dos fatores fundamentais no que se refere ao território quilombola, porque as lutas pelos direitos são constantes e através da memória, a preservação das histórias do povo não é esquecida; fortalecendo, assim, cada vez mais a identidade étnica quilombola. É nesse sentido que Maracajá (2013) compreende que:

Essa memória nos permite interpretar a comunidade, pois é através dela que as conquistas políticas e culturais passam de geração a geração através da troca de conhecimentos entre os quais partilham tradições, modos de vida, costumes, ideais, entre outros aspectos que nos levam a pensar que é em virtude dessas trocas de saberes que esses grupos estão resistindo, através de lutas pela permanência e pela reprodução de seus valores étnicos em seus territórios. (MARACAJÁ, 2013, p. 134-135)

Como observamos, as comunidades quilombolas representam a cultura; e a memória é enraizada no território quilombola por meio desse espaço de vivências, histórias e narrativas, sejam elas registradas em vídeo, livro, áudio ou transmitidas oralmente, coletivamente, auxiliando na construção da identidade quilombola e de seus múltiplos espaços.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

É perceptível que a memória individual faz parte da memória coletiva como meio de preservar a história e a cultura. As memórias compartilhadas se mantêm vivas reunindo significados que despertam pensamentos que foram esquecidos e que são atualizados de acordo com a realidade, aprimorando os conhecimentos produzidos no contexto social pela comunidade. Assim, há o reconhecimento pelos quilombolas dos territórios como importantes porque carregam a memória de um povo e as culturas tradicionais das comunidades que englobam múltiplos saberes: a dança, a capoeira, a música dentre outros no desenvolvimento e reconhecimento da identidade de cada um.

Entende-se que o que solidifica o território é a identidade. Esses dois elementos: território e identidade estão interligados continuamente como uma forma de manutenção das tradições, compreendendo o contexto sócio-histórico-cultural em que é formado o território, na perspectiva do fortalecimento da identidade quilombola reconhecida enquanto cultura dos modos de fazer e viver, (re)criando, e (re)transmitindo nas relações do convívio do indivíduo, enquanto coletivo, *na* e *com* a comunidade. Para Luchiari e Isoldi (2007) a identidade quilombola:

[...] passa também pela consideração de uma herança e pela preservação de um patrimônio sócio-histórico. A capacidade de recordar, preservar e perpetuar um passado faz parte de um sentimento identitário. Desse modo, a ocupação de lugares com o decorrer do tempo, permite o enraizamento e a criação do sentimento de pertencimento (LUCIARI; ISOLDI, 2007, p. 167).



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Há uma relação da identidade quilombola com o pertencimento porque as histórias contadas oralmente, ou por outro meio, revela a relação com o território e com seus processos e, assim, o território deixa de ser apenas material, ou seja, "a terra" e passa a ser também simbólico, imaterial, alimentando a etnicidade dos antepassados através da memória.

Neste sentido, considera-se que os processos de (re) criação e de transmissão dos saberes, tradições, culturas da comunidade quilombola presentes no território, na identidade e na memória deveriam estar nas práticas educativas cotidianas, nas experiências e no modo de vida, envolvendo a construção do saber, por meio da subjetividade de cada sujeito, porque “os quilombolas têm espaço simbólico e subjetivo para transitarem entre uma identidade que remonta o passado, mas que também se projeta o futuro.” (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014, p.113). Desse modo, a construção do território se dá por meio do processo histórico-social referente aos saberes e as práticas educativas desenvolvidas no quilombo e efetivadas por elementos associados à educação, cultura, identidade e memória.

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: PERSPECTIVA PARA UMA PRÁTICA EDUCATIVA ESCOLAR DIFERENCIADA E CONTEXTUALIZADA

Iniciamos este tópico procurando diferenciar educação quilombola de Educação Escolar Quilombola (EEQ). Neste sentido, ressaltamos que a educação



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

quilombola se dar na comunidade entre todos os membros tornando-se um território de compartilhamento de saberes e conhecimentos, através de brincadeiras, observações, conversas entre crianças e adultos. Assim, se liga as práticas do território, à ancestralidade, as memórias, as histórias e narrativas das lutas e das resistências, ao modo de vida, as tradições, é a vida e são as experiências vividas sentidas que fomenta e forja a identidade e o pertencimento quilombola.

A educação escolar quilombola é a educação sob a competência do sistema de ensino, responsável pelo processo de escolarização de crianças, jovens e adultos em seus processos de formação escolar. A Educação Escolar Quilombola se resguarda por um marco legal que a torna direito da população quilombola, bem como da sistematização dos saberes da comunidade como saberes curriculares a serem trabalhados na escola, reconhecendo que a realidade do território faz parte também do processo educativo dos quilombolas.

No que se refere à educação escolar, muitas comunidades quilombolas não têm ainda escolas situadas em seu território e, em consequência, crianças, jovens e adultos têm que se deslocar de sua realidade histórica e cultural para outras escolas localizadas distantes da comunidade. A Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, que institui as Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ), salienta que os quilombolas têm direito a uma educação que respeite a sua memória, a ancestralidade, a história, a cultura e as tradições de seu povo.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico- - cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural (BRASIL, 2012, p. 42).

A DCNEEQ assegura a garantia do direito à Educação Escolar Quilombola em todas as etapas da educação compreendendo que a cultura e outros elementos fazem parte da realidade histórica das comunidades quilombolas. A resolução nº 8/2012, no título VII, aponta no Art. 32, que “O projeto político-pedagógico da Educação Escolar Quilombola deverá estar intrinsecamente relacionado com a realidade histórica, regional, política, sociocultural e econômica das comunidades quilombolas”. (BRASIL, 2012). Para isso, a participação de gestores, estudantes, docentes, representantes da comunidade e outros são importantes. Garantir a participação dos coletivos quilombolas na construção do PPP da escola assegurará que os conhecimentos do cotidiano sejam considerados no currículo escolar. Mas, muitas escolas não estão ainda preparadas para atender ao que dispõe as DCNEEQ. Isso se torna um desafio haja vista ser ainda uma temática nova no campo das políticas públicas educacionais por

Trata-se de uma modalidade de educação fortemente vinculada a produção de uma nova cartografia da diversidade brasileira, cujo mapa mostra o reconhecimento étnico-cultural de um grupo étnico historicamente posicionado as margens, nas bordas, quando não completamente excluído (SOARES, 2016, p.4).



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Outros dispositivos educacionais que antecederam a Resolução n° 8/2012, contribuem para o fortalecimento da EEQ como uma política pública educacional. Destacamos a lei 10.639/03 e o Parecer 003/2004 que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A Lei 10.639/03, conforme parecer, “procura oferecer uma resposta, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, regulamentando políticas de ações afirmativas, políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade.” (SANTOS, 2020, p.05).

Outro documento que destacamos é o Decreto n.º 6.040/2007, que institui a política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais. Este decreto tem um papel fundamental porque traz, além dos princípios que regem a política (Anexo-Art. 1º) e os instrumentos para sua implementação (Anexo-Art.4º), o que compreende (Art. 3º do Decreto) por:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações; e

III - Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras. (BRASIL, 2007)

Os marcos legais objetivam assegurar a visibilidade e o reconhecimento do direito dos povos tradicionais, apontando a necessidade e a importância da valorização dos conhecimentos e das práticas educativas que são desenvolvidas nos territórios no fortalecimento de identidades negadas na perspectiva da garantia de direitos. Neste contexto, a construção de uma Educação Escolar Quilombola baseada na política de pertencimento étnico, cultural, social e político é de grande importância. E mediante essa perspectiva, compreende-se que os professores e demais profissionais da EEQ devem voltar seu olhar às práticas educativas da comunidade, considerando o conhecimento acumulado de cada sujeito, a subjetividade e a participação de cada um, respeitando a cultura, a história, a forma de organização, os contextos de uso do território, a etnicidade, as manifestações religiosas e outros fatores presentes nas narrativas, dialogando com os conteúdos escolares, na efetivação de uma prática educativa contextualizada e diferenciada.

PROCEDER METODOLÓGICO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória. Por meio dela busca “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (SEVERINO, 2007, p.123). Fez uso da pesquisa de campo na tentativa de aproximação com a realidade. O campo da pesquisa foi a Escola Padre Anchieta, localizada na comunidade quilombola de Guaraciaba (antiga Cabileira), no município de Altinho/PE. “O nome da comunidade é Guaraciaba, mas é conhecida pelo seu nome de origem “Cabileira” e nesta localidade moram aproximadamente 500 pessoas, já incluindo os sítios vizinhos que pertencem a essa região” (SANTOS, ALENCAR, 2017).

Fotografia I Frente da Escola Padre Anchieta



A escola foi fundada na gestão do prefeito José Felix Rodrigues, nos anos de 1959 a 1963, a pedido do morador Joaquim Ferreira Diniz. O nome dado à escola foi “Grupo Escolar Padre Anchieta”. Atualmente, se chama Escola Padre Anchieta. Ela tem em seu quadro quatro professores. Oferta a educação infantil e o ensino fundamental- anos iniciais do 1º ano ao 5º ano. Com relação à estrutura da escola, possui quatro salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, cozinha, sala de secretaria, despensa, almoxarifado e banheiro adequado a alunos com deficiência.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

No que se refere à comunidade de Guaraciaba (antiga Cabileira), fica localizada na região brejeira da zona rural a 12 km de distância do município de Altinho (PE). A comunidade sobrevive da agricultura familiar, produz legumes e verduras que são levadas para a feira de Altinho aos sábados, de onde muitos sustentam suas famílias.

Para a coleta dos dados, selecionou-se a entrevista semiestruturada como instrumento; e para o tratamento das informações, a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Participaram das entrevistas: a líder da comunidade e dois professores que serão identificados como “Professor 1” e “Professor 2”.

Inicialmente, foi aplicado um questionário para saber o perfil docente. Esse perfil objetivava saber o nome, idade, curso de graduação, especialização, tempo de docência na educação básica, tempo de docência na escola quilombola, se tem contato/conhece a comunidade, se é concursado ou contrato temporário, se é quilombola e se reside ou não na comunidade. Dos quatro professores lotados na escola, três responderam o questionário: dois professores concursados e um professor contratado. Dos três, dois se prontificaram a participar da entrevista. O primeiro, chamaremos de Professor 1. Ele é contrato temporário, tem 40 anos, formado em Pedagogia. Tem especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Atua há 16 anos como professor, dos quais 2 anos na escola quilombola de Guaraciaba, tem contato com a comunidade, não é quilombola e nem mora na comunidade.

O professor 2 se identifica como quilombola, morou e conhece a comunidade. Ele tem 30 anos, é formado em Pedagogia, tem especialização em



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Educação do Campo, desenvolve atividades na educação básica há 6 anos, dos quais 5 são na escola quilombola de Guaraciaba; e não reside mais na comunidade.

A entrevista foi realizada pelo Google Meet, em consequência do período de pandemia do Covid 19. As questões que nortearam nossa entrevista foram: Quais ações são desenvolvidas pela escola para que a memória e a identidade quilombola sejam fortalecidas? Como ocorrem e quando? Como se dar a participação da comunidade nessas ações? Para a entrevista com a líder da comunidade, a questão norteadora foi: vocês desenvolvem alguma atividade com a escola? Se sim, quais? Como ocorrem e quando? Se não, por quê? A análise das respostas à entrevista foi desenvolvida nos dois Eixos Temáticos abaixo.

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A VALORIZAÇÃO E O FORTALECIMENTO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

As entrevistas com os docentes apontam a ausência de projetos específicos planejados pela escola para o desenvolvimento de práticas educativas que busquem a valorização e o fortalecimento da memória e da identidade quilombola da Comunidade de Guaraciaba. Há algumas ações lideradas por um dos professores Quilombolas, o Professor 2, que faz chamamento aos demais professores para trabalharem em conjunto. Essa observação é posta pelo Professor 1 quando perguntado sobre o desenvolvimento de ações e contribuições da escola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade Quilombola.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Ano passado a gente teve um momento que o professor 2 realizou, pois como ele é de lá conhece muitas coisas, tivemos o prazer de realizar esse projeto com ele, mas não foi um projeto que teve ajuda da secretaria de educação, foi tudo pensado pelo professor 2, que para nós demais professores foi enriquecedor, pra gente conhecer mais a cultura, então assim existe sim essa falha, que era para ser bem trabalhado, ter capacitações, a gente realmente englobar nesse universo (Professor 1).

Observa-se na fala do Professor 1 que mesmo não sendo da comunidade Quilombola, sente a necessidade de conhecer a cultura do povo para poder trabalhar na sala de aula com os estudantes. Durante a análise, identificou-se que a escola Padre Anchieta não está cadastrada no Censo escolar como escola quilombola e que se guia em seu planejamento escolar pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para as escolas da educação básica e não pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar quilombola (DCNEEQ). Essa é uma realidade que marca muitas escolas situadas em comunidades quilombolas. Reconhecemos que é o primeiro desafio a ser reconhecido e tratado pelo sistema educacional para a visibilidade da realidade quilombola e a implantação efetiva das políticas direcionadas às escolas quilombolas. Essa realidade prejudica o processo de construção identitária da comunidade por meio da escola, uma vez que não segue, ou desconhece, ou não considera as DCNEEQ, pois compreende-se que

[...] a educação é um processo amplo, inesgotável. Desenvolve-se articuladamente com a cultura. No que se refere à educação escolar quilombola, uma referência a ser considerada é a diversidade cultural dos povos que estão situados em quase todos os estados brasileiros. Esses povos possuem e estabelecem relações educativas, éticas, de respeito e trocas



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

entre si e estão organizados nacionalmente (SILVA, 2014, p.122).

Na fala do professor 2, que é quilombola, há o destaque a importância de se trabalhar os componentes curriculares da educação básica: português, matemática, história, geografia e ciências relacionando às questões étnico-raciais para que as crianças se sintam estimuladas ao estudo de sua cultura. Nesse sentido, aponta que:

Trabalhar questões quilombolas dentro da escola, não deve ser em momentos de comemoração, momentos folclóricos. Então, minhas aulas são todas trabalhadas nesse viés, tentando discutir questões étnico-raciais, mas aí eu tento trazer os demais professores, aí eles acompanham nas datas folclóricas, por exemplo, ano passado mesmo eu elaborei um projeto de dois meses, onde a gestora aprovou e passamos para comunidade (Professor 2).

Para este Professor, é importante acolher os saberes da comunidade, relacionando-os aos conteúdos das disciplinas na perspectiva de se manter vivos os antepassados que fundaram a comunidade e que fizeram história. Esse movimento de saberes favorece o fortalecimento da cultura e o vínculo entre as pessoas e o lugar, território de vida, dentro da comunidade. Nesse processo educativo, as crianças vão fortalecendo sua identidade através de brincadeiras, experimentando, observando os mais velhos, pois como o professor 2 destaca.

Realizei um trabalho com os outros professores “o resgate da mazuca” onde cada turma ficou com uma coisa, uma com a ciranda, outra com a mazuca, a música, o espaço, a questão



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

histórica e no fim do ano alguns alunos já começaram a cantar as músicas sem a ajuda (Professor 2).

O Professor 2 destaca saberes da comunidade que começam a fazer parte da educação escolar quilombola, como conteúdo. Segundo o Professor 2, esse processo de desenvolvimento e de socialização de novos saberes trouxe resultados positivos por favorecer um maior acolhimento sobre o processo histórico-cultural da comunidade, ao mesmo tempo em que possibilitou também uma maior proximidade entre a comunidade e o espaço escolar.

Observamos também que as ações educativas escolares desenvolvidas pelo Professor 2 também se intensificou como processo de formação no chão da escola para os outros professores da escola, uma vez que se desenvolveu conhecimentos sobre a Educação Escolar Quilombola e o papel das práticas docentes e escolares para a formação da identidade e sobre o que é ser quilombola. Essa observação ocorre a partir do momento em que o Professor 1 enfatiza em sua fala “que para nós, demais professores, foi enriquecedor, pra gente conhecer mais a cultura”. As ações planejadas, discutidas e desenvolvidas de forma coletiva, mesmo que partindo de um único professor(a), é de suma importância porque se compõe num processo de formação continuada no chão da escola e a partir das necessidades inerentes a função social das escolas.

O Professor 2 faz uma autorreflexão em torno da ausência da Secretaria de Educação do município e das políticas públicas educacionais: formação de professores, currículo próprio e que apesar de tudo, o mesmo tenta fazer a diferença, no âmbito da escola. Essa ausência prejudica o desenvolvimento de ações mais presentes em atendimento as DCNEEQ.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

A escola não tem projeto, a secretaria de educação não tem projeto, o currículo de Pernambuco não nos dar suporte para nada, então assim, o que se tem lá é mais ações escolares minhas, que tomo a iniciativa para fazer alguma coisa nova pra comunidade e ver o que a comunidade nos dá de volta. É muito pouco o que faço, mas é a única forma que encontro (Professor 2).

Verifica-se um esforço no desenvolvimento de ações que partem da busca e do interesse dos professores da escola. Embora a EEQ tenha uma legislação própria, ainda não se materializa enquanto política pública educacional no fazer da escola a não ser por ações pontuais de algum docente.

O nosso maior problema talvez nem seja o projeto político pedagógico, mas sim professores que não entendem o que é vivenciar uma educação quilombola. Estamos num processo muito doloroso, pois eu faço de uma forma e na sequência vem um outro professor e desfaz, essa é a maior preocupação é que a gente tem a educação quilombola, mas não tem a educação escolar quilombola, ela não se faz presente (Professor 2).

São muitos os obstáculos ainda presentes na efetivação de políticas de inclusão, de pertencimento e de reconhecimento em comunidades tradicionais. Na fala dos professores observam-se as boas intenções a partir dos conhecimentos construídos no processo de formação individual e coletivo entre os docentes e na relação com a comunidade. Entretanto, é essencial que as Secretarias de educação e os demais órgãos responsáveis pela implementação de políticas educacionais se responsabilizem para a efetivação das DNEEQ.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Relação Comunidade-Escola

O processo educacional possibilita o desenvolvimento e a efetivação da cultura, o que favorece saber quem somos, o que nos “faz e nos torna o que somos ao crescermos em um determinado ambiente” (FURTADO, PEDROZA; ALVES,2014, p.2). A cultura como campo simbólico, que contribui na constituição de identidades, exige para essa finalidade a relação entre a comunidade e a escola e vice-versa, tornando-se indispensável na efetivação de uma Educação Escolar Quilombola. Para que isso ocorra, os professores devem trazer para dentro da escola a cultura da comunidade, as pessoas e os seus saberes, fazendo com que os estudantes conheçam, se reconheçam e se aproximem de sua realidade, de sua cultura e as reflita.

Eu não consigo trabalhar na escola essas questões da identidade, sem ter o suporte, para isso trago as pessoas mais velhas e nas brincadeiras da escola tem que trazer alguém de dentro da comunidade para participar, já a mazuca tenho que trazer duas pessoas, então tudo que penso tem que trazer alguém da comunidade, porque eu não consigo fazer sozinho mesmo conhecendo as coisas, até porque isso fortalece a relação escola-comunidade (Professor 1).

A mazuca, as brincadeiras, as histórias e outros aspectos da comunidade contribuem para que as tradições culturais não se percam e que a identidade seja preservada. Entretanto, o calendário e o horário escolar são aspectos da rotina da organização escolar que podem impossibilitar a realização de determinadas



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

atividades que necessite da participação da comunidade. Os docentes salientam que não há como ter hora específica quando a comunidade participa “Com relação ao horário, eu não consigo marcar horário, pois não é a escola que diz o horário, e sim a comunidade, por exemplo, se a pessoa diz que só pode ir à minha sala às 8h00, por exemplo, então esse seria o horário.” (Professor 2).

O importante, conforme o professor 2, é a participação da comunidade nas ações pedagógicas da escola. Essa ação faz com que os estudantes reflitam os saberes, (re)contextualizando-os através dos valores, raízes históricas e vivências culturais quilombolas, aprendendo sobre eles mesmos, o seu passado, os seus antepassados, a construção de sua comunidade, as pessoas, reconstruindo as aprendizagens no diálogo com os conteúdos escolares.

Para a presidente da Associação, líder da comunidade, repassar, estudar e refletir sobre as tradições culturais da comunidade e levá-las como conteúdos à escola é importante porque procura manter viva as origens e contribui para que os estudantes estendam quem são, quem são seus pais, seus avôs, seus ancestrais e não tenham vergonha da comunidade em que residem e constituem suas histórias.

A gente está desenvolvendo a aula de dança da mazuca mirim com o professor (professor 2), a gente está desenvolvendo pra não deixar acabar com a origem e a mazuca dos adultos é realizada lá em casa que tem todo final de semana (Líder da Comunidade).

Observa-se tanto na fala dos professores, como na da líder da comunidade que a escola e a comunidade dialogam, mostrando não apenas para as crianças,



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

mas também para os adultos, o quanto as tradições culturais, a ancestralidade e a história de seu povo são importantes e que não devem ser esquecidas.

O contato das crianças e adolescentes com as africanidades presentes na cultura quilombola e com valores civilizatórios outros, através de um currículo pluriétnico, vai contemplar demandas, memórias, histórias tomando o conhecimento mais sensível e mais significativo a todos. (HAERTER, NUNES, CUNHA, 2013, p.276).

Observamos, a partir dessas falas, como é importante que se trabalhe de acordo com as DCNEEQ. Entretanto, podemos considerar que na Escola Padre Anchieta ainda não há um trabalho institucional da escola para o desenvolvimento de práticas educativas escolares nessa perspectiva.

Ano passado fizemos um projeto envolvendo as danças, mostrando a cultura e no final desse projeto as mães se envolveram, então assim tinha que ser voltado para escola, mas infelizmente não acontece, trabalhamos a base curricular normal, não tem uma parceria com a secretaria (Professor 1).

Inferimos que a comunidade interage apenas com os professores, ou com a escola quando é convidada, pois como posto nas falas, nem todos os professores trabalham relacionando a cultura da comunidade, muitos não têm conhecimento e não têm uma formação, e acabam trabalhando apenas em algumas datas comemorativas, seguindo as orientações da Secretaria de Educação.

A relação dos professores com a realidade sociocultural da comunidade quilombola é fundamental e mesmo que muitos não desenvolvam suas práticas



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

educativas voltadas para esse contexto, reconhecem sua importância. Mas também reconhecem a ausência de incentivo, do apoio e do olhar da Secretaria de Educação para que possam elaborar o PPP da escolar e adequar o currículo escolar de forma a atender a luta e as conquistas do povo quilombola postas na DCNEEQ.

Considera-se a educação escolar quilombola necessária para o povo quilombola, para que contribua na melhoria do ensino dessas crianças e jovens quilombolas, garantindo a permanência em seu território. Em relação a isso, falta incentivo, pois a escola tem estrutura para atender até o nono ano, mas sai dois ônibus com crianças e adolescentes para estudar na cidade do sexto ao nono ano e muitos, assim como eu, mesmo morando em Altinho não sabe que Cabeleira é uma comunidade quilombola (Professor 1).

O professor¹ expressa que muitas pessoas do município de Altinho não sabem que a comunidade de Guaraciaba (antiga Cabeleira) é uma comunidade Quilombola. Neste sentido, observamos que há ausência de informações no município sobre a comunidade quilombola que se situa no município, há uma população e uma comunidade invisível aos olhos da população de Altinho. Há também ausência de políticas públicas que favoreçam a permanência de estudantes na escola da comunidade; e com isso muitas crianças e jovens saem da comunidade para outras, tornando-se invisíveis e fazendo-se invisíveis aos olhos da sociedade.

Há outras ausências que se somam as acima citadas, uma formação de professores, uma infraestrutura e um currículo próprio. Esses são alguns dos desafios encontrados. A lei nº 10.639/03, por exemplo, que estabelece a



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, em muitas escolas ainda não é posta em prática por meio do currículo e práticas escolares. A partir desse contexto, percebemos o quanto é significativo ter professores quilombolas atuantes na escola. Para a líder da comunidade “Se os professores são de dentro da localidade tem como ensinar as origens, né. Mas toda vez vem de fora. Se Deus quiser no próximo ano a gente vai ver o que pode fazer” (Líder da comunidade).

A líder da comunidade destaca a necessidade de se ter professores da comunidade e qualificados, que conheçam a história de seu povo para que as memórias sejam preservadas e fortalecidas. Assim, se destaca a importância de nos currículos dos cursos de formação de professores constar conteúdos/temáticas que possibilitem o conhecer sobre a modalidade de ensino Educação Escolar Quilombola e a história, cultura, luta, preconceitos e discriminações vivenciadas pela população quilombola.

A partir da fala da líder da Associação da Comunidade Quilombola de Guaraciaba e a dos professores, consideramos que na comunidade quilombola de Guaraciaba existem desafios para que se estabeleça uma relação da escola com a comunidade, pois a comunidade só se relaciona apenas com um dos professores da escola, justamente por ele ser quilombola, conhecer a comunidade e a legislação que trata da EEQ. Pelo perfil apontado nas respostas do questionário, verificamos que os demais professores também não têm uma formação para trabalhar na perspectiva do atendimento aos objetivos propostos na DCNEEQ, como situado em uma das falas da líder da comunidade, em consequência, segundo a mesma, há um esforço que os faz refletir a necessidade de se ter professores e escola engajados



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

em conhecer, estudar e levar para o processo escolar suas histórias, cultura e luta fortalecendo-os como cidadãos e pertencendo a uma realidade e comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a pergunta inicial da nossa pesquisa: Quais as contribuições da educação escolar Quilombola para a valorização da memória e do fortalecimento da identidade quilombola?, verificamos que as práticas educativas são lideradas por um professor que é quilombola e que esse, numa ação pedagógica que compreende o papel da Educação Escolar Quilombola, procura desenvolver sua prática docente numa tentativa de relação com as DCNEEQ. Neste sentido, procura trabalhar com a comunidade quilombola, atraindo-a para a escola e ao mesmo tempo conquistar seus colegas- demais professores, a realizarem ações pedagógicas em conjunto. Dentre essas ações, estão: a contação de histórias, o resgate da mazuca, da ciranda, do espaço, a musicalidade e outros, para que a memória e a identidade sejam valorizadas e fortalecidas.

Através dessas práticas educativas é ressaltada a importância da cultura, da territorialidade, da historicidade, das lutas, das tradições e de vários outros fatores que contribuem para que a memória e a identidade não sejam esquecidas, embora não seja uma ação que permeia o currículo e projeto político pedagógico da escola. Embora a participação da comunidade aconteça, pois as ações realizadas na escola necessitam da comunidade, como a contação de histórias, essa é em consequência do convite dos professores. Neste sentido, ressalta-se a ausência de uma política



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

institucional sob a orientação da Secretaria de Educação do Município, tornando-se recorrente a citação de que apenas em datas comemorativas é que os demais professores se organizam, como escola, para desenvolver alguma ação relacionando a cultura, a história ou a outra temática correlata, como o Dia da Consciência Negra, por exemplo.

Um aspecto importante salientado pelo Professor 1 diz respeito à existência de preocupação em saber mais sobre a comunidade para poder desenvolver suas aulas, relacionando aos aspectos socioculturais da comunidade, para valorização da memória e o fortalecimento da identidade quilombola. Neste sentido, notamos que quando o professor sai da 'caixa institucional do currículo comum', que serve a todas as escolas sem observação de suas especificidades, por mais que os professores queiram não conseguem desenvolver por ausência de conhecimento. Na escola de Guaraciaba há um professor que é quilombola, conhece a comunidade e estudou no seu processo de formação inicial e na pós-graduação em Educação do Campo sobre Educação Escolar Quilombola. Esse conhecimento favoreceu ao desenvolvimento de ações dentro da escola para o processo de formação dos professores, visando à valorização da memória e o fortalecimento da identidade quilombola. Entretanto, não há uma ausência de ações planejadas pela escola e pela Secretaria de Educação para tal finalidade, apontando o descaso com a legislação existente.

Nesse sentido, compreendemos que há a necessidade de continuarmos ampliando as discussões e debates acerca da efetivação de políticas públicas e práticas de professores que vêm fortalecendo e mudando os espaços escolares



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

para uma educação que atenda de fato seu papel social: o da formação para a cidadania.

REFERENCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, Outras pedagogias**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARRUTI, José Mauricio. Quilombos. In: **Raça: Perspectivas Antropológicas**. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição 70, São Paulo, 2011.

BRASIL, **Decreto n. 6.040**, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em <https://bibliotecadigital.economia.gov.br/handle/123456789/911>.

BRASIL. **Resolução Nº 08**, Novembro de 2012. Brasília, MEC, 2012.

BRASIL. **Territórios de povos e comunidades tradicionais e as unidades de conservação e proteção integral**: alternativas para o asseguamento de direitos socioambientais. Brasília, 2014.

CARRIL, Lourdes de Fatima Bezerra. **Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto**. Revista brasileira de Educação, v. 22, n. 69, abr.-jun. 2017.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

HENRIQUES FILHO, Tarcísio. Quilombola: A legislação e o processo de construção de identidade de um grupo social negro. **Revista de informação legislativa**. Brasília a. 48 n. 192 out/dez. 2011.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. **Cultura, Identidade e subjetividade Quilombola; uma leitura a partir da Psicologia Cultural**. 2014.

GONÇALVES, Dinalva Pereira; GONÇALVES, Pêdra Paula Pereira. História e Memória de quilombo: raízes, relatos da comunidade ramal de Quindiuá em Bequimão/MA. **Revista da ABPN**. V.9, Ed. Especial – Caderno Temático: saberes Tradicionais, p. 199-223, 2017.

HAERTER, Leandro; NUNES, Georgina Helena Lima; CUNHA, Deise Teresinha Radmann. Refletindo acerca da contribuição da cultura quilombola aos currículos da educação básica Brasileira, através da presença da história da África e Afrobrasileira. **Identidade!** São Leopoldo, v.18, n.3, ed. Esp. P.267-278, dez. 2013.

INCRA- Instituto nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Regularização de TERROTÓRIO QUILOMBOLA**. Atualizado em 13/04/2017.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes; ISOLDI, Isabel Araujo. Identidade Territorial Quilombola- uma Abordagem Geográfica a partir da Comunidade Caçandoca (UBATUBA/SP). **Terra livre**. Presidente Prudente; Ano 23, v.2, n.29, p.163-180, Ago-Dez. 2007.

MARACAJÁ, Maria Salomé Lopes. **Território e memória: a construção da territorialidade étnica da comunidade quilombola Grilo**. João Pessoa, 2013.

MAROUN, Kalyla. A construção de uma identidade quilombola a partir da prática corporal/cultural do jongo. **Movimento**. Porto Alegre. V. 20, n. 01, p. 13-31, jan/mar de 2014.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

OLIVEIRA, Fernando Bueno. **Quilombos Brasileiros: Resistência, Repressão e Consolidação**. 2014. Disponível em:

[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(286\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(286).pdf)

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-212. Disponível em: www.pgedf.ufpr.br

ROCHA, Almir João; ALENCAR, Maria Fernanda Santos. Práticas educativas na comunidade quilombola Guaraciaba/Cabileira/Altinho-PE. **Anais do X Colóquio Internacional Paulo Freire**, 2016. Disponível em: www.coloquio.paulofreire.org.br

SANTOS, Adilza Alves; ALENCAR, Maria Fernanda Santos. Comunidade Quilombola de Guaraciaba: uma história em construção por meio da educação popular. In: **Anais do I Seminário Discente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea** – UFPE/CAA. 2017.

SANTOS, Jocéli Domanski Gomes. **A LEI 10.639/03 e a importância de sua implementação na Educação básica**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1409-8.pdf>

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Ed.23. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Delma Josefa. A Emergência da educação escolar quilombola no contexto das relações étnico-raciais no Brasil. **Tópicos Educacionais**, Recife, v.20, n.1, jan/jun. 2014.

SILVA, Giselda Shirley; SILVA, Vandeir José. Quilombos Brasileiros: alguns aspectos da trajetória do Negro no Brasil. **Revista Mosaico**. v.7, n.2, p.191-200, jul./dez. 2014.



Adilza Alves dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)

SILVA, Simone Rezende. **Quilombos no Brasil: A memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade Negra.** São Paulo. 2012. Disponível em :www.ub.edu/actas/08-S-Rezende

Soares, Edimara Gonçalves. **Educação Escolar quilombola: Reafirmação de uma política afirmativa.** Curitiba/ Paraná. 2016. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo16_EDIMARA-GON%C3%87ALVES-SOARES.pdf

Recebido em 10 de janeiro de 2022

Aprovado em 31 de janeiro de 2023